

Club Fareense: uma associação cultural centenária

Entrevista a Augusto Miranda



Resumo: O Club Fareense, associação cultural centenária (fundada em 1863) tem, desde a sua criação, grande relevo na sociedade fareense, organizando algumas importantes atividades culturais.

É na sua sede actual, no Solar dos Pantojas (Séc. XVII) edifício classificado, situado no centro da cidade de Faro, que nos últimos anos o Club tem intensificado a sua ação cultural, com uma atividade regular de eventos diversificados. Nesta entrevista a Augusto Miranda, presidente da direção, procuramos conhecer um pouco melhor a ação cultural desenvolvida, o contexto onde se desenvolve e as suas inquietações entre públicos, artistas e programadores.

Palavras-Chave: artistas, associativismo, cultura, sociedade

Abstract: Club Fareense, a century-old cultural association (founded in 1863) has, since its inception, been a prominent feature in fareense society, organizing some important cultural activities.

It is in its current headquarters, in the Solar dos Pantojas (17th century) classified building, located in the center of the city center of Faro, that in recent years the Club has intensified its cultural action, with a regular activity of diversified events. In this interview with Augusto Miranda, president of the direction, we tried to get to know a little more about the cultural action developed, the context in which it develops and its concerns among audiences, artists and programmers.

Keywords: artists, associations, culture, society

O Club Fareense, associação cultural com mais de 155 anos (fundada em 1863), tem tido desde essa altura grande relevo na sociedade fareense, com organização de algumas importantes atividades de cultura e lazer abertas a toda a comunidade.

Nos últimos anos tem intensificado a sua ação cultural com uma atividade regular de eventos diversificados, desde performances de Jazz, à música clássica, ao fado e à música tradicional, ao Teatro, entre outros.

Nesta entrevista a Augusto Miranda, presidente da direção do Club Fareense, procuramos conhecer um pouco a ação cultural desenvolvida por esta associação centenária, o contexto onde se desenvolve e as suas inquietações entre público, artistas e programadores.

P: Que retrato se pode fazer do Club Fareense, neste período de pandemia, em que se apela ao distanciamento social e onde normalmente a cultura é o parente pobre da vida social e económica?

Augusto Miranda: Depois de uma programação regular, diversificada e, pensamos, consistente, dos últimos anos, encerramos em Março, por causa da situação de pandemia no país.

Reabrimos em Outubro, com Plano de Contingência aprovado pela Direção Geral de Saúde. São permitidos entre 40 a 50 espectadores. Mas não é a mesma coisa. O uso de máscara, o distanciamento, a ausência de convívio entre as pessoas, as reacções faciais do público, que os artistas não vêem, a partilha de experiências que fica adiada... Mas a Cultura tem que continuar, em nome da nossa vontade de prosseguir a contribuição para a afirmação de Faro como destino também cultural e também pelo nosso compromisso com os artistas e fazedores de cultura da região e do país.

P: Sabendo das dificuldades habituais em relação à promoção de eventos culturais, qual é o vosso segredo para manter uma atividade tão regular e diversificada?

R: Não há qualquer segredo. Como dizia o poeta “todos os dias sinto-me nascido para a eterna novidade do mundo” e, desta forma, temos que permanentemen-

te criar novos desafios. Fomos fazendo a “Música no Feminino”, o “Copo de Jazz”, as “Quintas no Club”, com Poesia na primeira quinta, *Jam Sessions* na terceira quinta e as “Quintas Clássicas” previstas para as quartas quintas do mês, tudo acrescentando ao que de normal se fazia. E o normal que se ia fazendo já não era pouco. Claro que isto só é possível com a entrega e colaboração de muitos sócios e amigos que se juntam aos órgãos sociais para manter esta actividade no Club.

P: Quais são, normalmente, as maiores condicionantes ao desenvolvimento da programação cultural do Club.

R: Tudo vamos fazendo com muita carolice. Reconhecemos que cada vez mais se faz sentir falta de uma estrutura de apoio para a produção de eventos, nomeadamente na parte técnica e na divulgação dos mesmos. O Club Fareense só tem um colaborador, a tempo parcial e muita coisa vai ficando por fazer.

Sentimos também a nossa incapacidade para atrair ao Club, nomeadamente aos seus órgãos sociais, sangue novo, que possa dar continuidade e aprofundar o trabalho que vimos realizando.

Nestes momentos conturbados a limitação de número de espectadores, as limitações ao convívio e acesso ao bar... são também factores que vão condicionar a continuação da nossa actividade, a não ser que haja fortes apoios da parte da autarquia, nomeadamente ao funcionamento e programação da nossa associação.

P: Pode considerar-se que a atividade cultural do Club é dirigida a uma elite específica da região? Como caracteriza esse "público alvo"?

R: O Club Fareense está situado na Capital de um distrito fortemente turístico, cidade Universitária, num concelho com cerca de 80 000 habitantes, com forte componente de serviços. Desta forma procuramos diversificar a nossa programação, procurando ir ao encontro a “vários” públicos. O nosso “Copo de Jazz/Glass of Jazz” ao segundo e quarto domingo do mês vai ao encontro a visitantes e estrangeiros residentes, mas as nossas “Quintas no Club” já procuram atingir públicos mais jovens que fazem poesia, que fa-

zem música ...Com o Fado e espectáculos temáticos da Guitarra Portuguesa procuramos outros públicos....

Sempre com a ideia de que podemos elevar-nos e divertir-nos com a fruição cultural.

P: Como lhe parece que os diferentes grupos sociais da região se relacionam com a cultura artística nas suas diferentes especificidades das artes visuais e performativas?

R: A nossa cidade tem uma massa crítica apreciável. Uma Universidade com mais de 8000 alunos, mais de 1000 professores e quadros técnicos, hospital distrital, órgãos desconcentrados da administração central, uma dezena de escolas do ensino básico e secundário... Era suposto um maior impacto na cultura e na fruição cultural na cidade. Todos temos que fazer o nosso trabalho para que este divórcio se atenuar.

P: Pelo Club têm passado vários artistas, de várias áreas e com percursos artísticos diferenciados. Qual a sua perceção sobre as reflexões que os mesmos fazem acerca da atividade artística na sociedade atual?

R: O Club Fareense tem realizado um número crescente de iniciativas, quer próprias, quer de parceria com outras instituições da cidade. Em 2019 totalizaram cerca de 80 iniciativas, com mais de 6000 visitas ao Club.

Cada vez mais jovens se envolvem nas coisas da cultura, abandonando muitas vezes outros percursos que parecem mais “certos”. Movem-se seguramente pela liberdade que os caminhos da cultura lhes proporciona apesar das muitas incertezas de uma actividade ainda muito pouco valorizada.

P: Ainda a propósito das atividades culturais do Club Fareense, que perspectivas existem de desenvolvimento para o futuro?

R: De futuro, conforme já se disse , muito gostaríamos de ver a nossa actividade aprofundada. Num futuro próximo temos como objectivo criar um espaço de convívio na nossa açoteia, que pode constituir-se como importante foco de atração para o Club Fareense.

Entrevista conduzida por Francisco Gil (Universidade do Algarve)

